

ÁGUA MOLE CARNE DURA



MARIANA TRIGO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

ÁGUA MOLE CARNE DURA

Mariana Trigo / 114039266

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pintura da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos à obtenção do
título de Bacharel em Pintura.

Orientadora: prof.^a Dr.^a Martha Werneck

Rio de Janeiro

2022

ÁGUA MOLE CARNE DURA

Mariana Trigo / 114039266

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ.

Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*, incluindo o site do Curso de Pintura da UFRJ.

O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

CIP - Catalogação na Publicação

T828? Trigo, Mariana
Água mole em carne dura / Mariana Trigo. -- Rio de Janeiro, 2022.
54 f.

Orientadora: Martha Werneck de Vasconcellos.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. pintura. 2. corpo. 3. feminino. 4. água. 5. mergulho. I. Werneck de Vasconcellos, Martha, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Aprovado em:

08.07.2022 *Secreto 10.00*

Orientadora: prof.^a Dr.^a Martha Werneck

Prof. Me. Lício da Silva

Prof. Dr. Julio Sekiguchi

RESUMO:

Água Mole Carne Dura é uma pesquisa que investiga a imagem corporal feminina e a poética da água através da linguagem da pintura. Nessa publicação encontramos algumas reflexões e análises acerca do processo criativo da autora, reunindo vinte e três pinturas, duas animações, oito sequências fotográficas e estudos em diário de pesquisa produzidos entre os anos de 2015 e 2022.

Palavras chave:

pintura; corpo; femenino; água; mergulho.

AGRADECIMENTOS:

Começo agradecendo as mulheres da minha vida. Minha mãe que me ensinou que chorar é preciso e sempre me acolheu quando precisei. Minha avó que de forma inconsciente talvez tenha passado hereditariamente o gosto pela as águas correntes dos rios e cachoeiras. Minhas irmãs que tanto me inspiram em diversos campos.

A Martha minha orientadora querida que admiro tanto sua sensibilidade e trabalho.

A Clara e Ana que me acompanharam durante a faculdade e dividindo atelie sendo fonte de inúmeras trocas.

Gostaria de agradecer também meu pai e meu irmão, que sempre me apoiaram e compraram todas as ideias doidas que tive.

SUMÁRIO:

1.PRIMEIRO MOVIMENTO - O CORPO E AS
BANHEIRAS | p. 15

2.SEGUNDO MOVIMENTO - ÁGUAS QUE VÃO E
ÁGUAS QUE VEM | p.33

3.TERCEIRO MOVIMENTO -
COMO ELA ME VÊ | p.51

4.QUARTO MOVIMENTO - QUANDO EU VIRO
ÁGUA | p.72

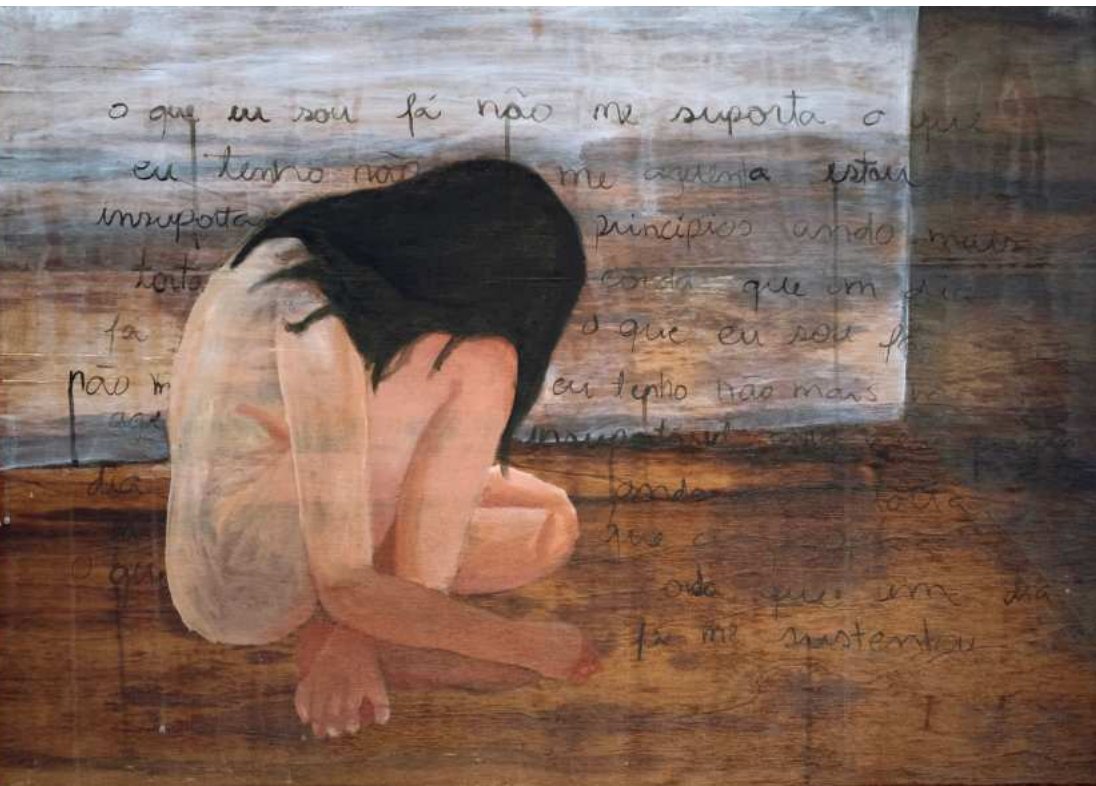
5.PROCESSO DE CRIAÇÃO
DOCUMENTADO | p.81

6.CONCLUSÃO | p. 90

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA | p.91

8.APÊNDICE: REGISTROS DA EXPOSIÇÃO ÁGUA
MOLE EM CARNE DURA | p.93





Página anterior: To sozinho
Óleo sobre madeira entelada
120 x 80 cm
2015

Corda Bamba
Técnica mista sobre
madeira
120 x 80 cm
2015

Primeiro foi o toque
Toque da pele
Toque do pincel
Lágrima escorrida
Saliva engolida
O seu limite e o meu

Olho que descobre
E reconhece cada quina, cada esquina
ninguém viu o que ele viu
Um esconderijo, um refúgio
Olhar curioso que se acolhe e se recolhe

Suor debaixo do peito
Gota de chuva na testa
Lágrima que se prende
Lágrima que não se prende
Caixote de onda no mar
Eu choro
Choro muito
Chega até dedo enrugar

Água do meu olho também faz parte de mim
Escorro pelo chão, me desfaço em poça
Sou Rio de fonte sem fim

transbordo o limite da carne
me contorno e viro água.

1. PRIMEIRO MOVIMENTO - O CORPO E AS BANHEIRAS

Primeiro foi a descoberta do corpo, corpo feminino que se toca e entende seu limite, suas bordas. Corpo vivo e transpassado de sensações e sentimentos intensos de solidão e angústia, mas que com o decorrer da sua descoberta também goza da sua companhia; o isolamento do indivíduo, preso em si mesmo, atento a sentimentos que revelam o embaraço da vulnerabilidade e, portanto, são escondidos.

A gênese da identidade, descobrir o corpo. Descobrir que nós só temos identidade quando nos reconhecemos uma unidade própria. A imagem é o que nos dá unidade corpórea. Se eu não tenho uma imagem corporal eu não me desassocio das coisas. Lacan chama isso de Estádio do espelho, que é o formador da função eu. Como quando uma criança que se olha no espelho e se reconhece pela primeira vez. Sem estágio do espelho não há borda ou contorno psíquico e físico. Esse estágio nos dá condições de nos reconhecermos, pois com isso conseguimos nos ver como indivíduos. Com isso, o corpo é sempre singular (KEHL, p 110).

O corpo é um tema particularmente propício a uma análise antropológica, porquanto pertence de pleno direito a estirpe identificadora do homem. Sem o corpo, que lhe dá um rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao corpo, a partir do simbólico que ele encarna. (LE BRETON, p 7).



Canto
Óleo sobre tela
60 x 30 cm
2018

Iniciei essa série de pinturas em 2015, com personagens que nunca exibem seus rostos: um recurso para expressar o mistério da identidade. Quem as vê se depara com a possibilidade de projetar múltiplas fisionomias que ali se ocultam sofrendo secretamente, bem como a si mesmo.

Vale lembrar que o rosto é um atributo exclusivamente humano. Nenhum outro animal desenvolveu uma diferenciação desse nível. Ele permite que nos identifiquemos mutuamente, mesmo durante o nosso processo de envelhecimento. (ISABELLE ANCHIETA, 2015, p 246).

O rosto é a imagem que nos singulariza e nos diferencia dos outros.

Para compreender esse dado é preciso recordar que o rosto é a parte do corpo mais individualizada, a mais singularizada. O rosto é a cifra da pessoa. Donde seu uso social em uma sociedade na qual o indivíduo começa lentamente a se afirmar. (LE BRETON 2003, p 66).



Raso
Óleo sobre madeira
entelada
120 x 80 cm
2017

De forma inconsciente essa investigação começa com esse corpo feminino que se reconhece dentro das banheiras e acaba sendo uma busca por uma identidade.

Escolhi esse ambiente fechado, o banheiro, como cenário, por ser o local onde ficamos a sós e temos a liberdade de nos expressar sem sermos vistos. Para muitos um constante refúgio para liberar sentimentos, lugar onde podemos nos desprender de algumas amarras e onde também satisfazemos necessidades que não compartilhamos com ninguém.



Sem título
Óleo sobre madeira
70 x 40 cm
2017



Sem título 2
Óleo sobre tela
45 cm de diâmetro
2019

Quero sentir até fazer sentido
E perder os sentidos
Se isso
Me fizer mais viva
Só sei viver quando transborda
Quando a vida se desdobra
Em mil
Só sei ser muitas
E mergulhar tão fundo
Que até me esqueço
Que existe borda
Quero o salto profundo
O mergulho mais fundo
E nada menos que isso
Me completa
O raso é o que me afoga
Só sei viver submersa.

Clara Mello, Sentido



Lamentos
Óleo sobre madeira entelada 100 x
80 cm
2017

Represento a nudez do corpo feminino em convergência direta com a nudez dos sentimentos. O contraste de luz e sombra e o ambiente vazio, um foco de luz, uma personagem sozinha – quase sempre triste, no momento mais vazio de acontecimento: um banho. As paredes sóbrias, compõem o cenário rebatendo a luz, produzindo sombra. A ideia do vazio, da solidão, de apenas estar ali e existir... Parar a vida por um instante para pensar no vazio da vida.

"Entupo-me de ausências, esvazio-me de excessos" (Clarice Lispector). O vazio que nada contém. E refletir a partir dessas ausências. Esvaziar, libertar-se de pensamentos, desejos, emoções. Caminhar em direção ao interior.

Nesses trabalhos a água que cerca as personagens são as emoções e evocam o inconsciente, o lado lunar, o intangível, o abstrato, as profundezas que nos tornam humanos, frágeis. Nas pinturas, as personagens quase sempre paradas e estáticas nos passam a sensação de estarem congeladas naquele momento. A água parada é a sensação latente do momento. Banheira, água rasa onde também podemos nos afundar.

A água é o símbolo profundo, orgânico, da mulher que só sabe chorar suas dores e cujos os olhos são facilmente "afogados de lágrimas. (BACHELARD, p 85).

Às vezes não precisamos de mares profundos para nos afogar ou para naufragar, o raso nos é nocivo quando nos deixa na superfície.

Aqui vale pensar o banho também com um valor regenerador. Vemos ao longo da história sua qualidade de rito, o batismo, os banhos de ervas da umbanda e assim por diante. O ato de imersão na água remete à regressão uterina. Carece de calma, segurança, é um retorno. A partir dessa imersão as personagens emergem com seu autoconhecimento.

No passado, escreve o homem, eu estava dissolvido na água do grande rio, eu jamais estive separado, com uma vida minha, mas eu me contemplei em um espelho e decidi ser livre. A única vantagem dessa liberdade foi a de me fazer descobrir que eu tinha um corpo (...). (Naipaul *in* LE BRETON, p 30).

Com a utilização dos tons de azul, reforço o sentimento de solidão e frieza. O azul, cor mais profunda e mais imaterial que nos é apresentada na natureza, nos remete às transparências atmosféricas, às águas, a um acúmulo de vazios, à pureza e frieza..

Segundo Kandinsky, em seu livro *Do Espiritual Na Arte*, a cor azul é a um só tempo o movimento de afastamento do homem e movimento dirigido unicamente para o seu próprio centro que, no entanto, atrai o homem para o infinito e desperta-lhe o desejo de pureza e uma sede de sobrenatural.

Enquanto o azul aponta para o lado profundo, frio e vazio, imprimindo uma gravidade solene, o verde traz uma impressão de repouso terreno e um contentamento.

Nesses trabalhos utilizo o contraste cromático entre laranjas e azuis, assim como o contraste de luz e sombra, para dar enfoque ao indivíduo solitário. Ao utilizar cores complementares, gero impacto aos olhos do observador que passeiam sobre os verdes e azuis e vagarosamente se chocam com a chegada dos laranjas, amarelos e vermelhos, fazendo-os percorrer rapidamente sobre o contraste das cores chamando atenção para o corpo.

Na composição das pinturas a luz quase sempre vem de fora do quadro e geralmente crio um espaço vazio que antecede a figura. Se fizermos a leitura da esquerda para direita, veremos esse vazio anterior à figura humana que sofre encolhida, em posições de dor e fragilidade, como nos momentos em que queremos nos esconder, mantendo o espectador à distância causando tensão e maior ansiedade.



A água da cachoeira
a água que corre pelas pedras
como a mãe que abraça os filhos,
é mão moldando o barro.

Na presença dela, o braço dele me toca, me abraça
e permaneço lá

A água do olho
a água que desliza pelo rosto
se mistura com a que corre pelas pedras
e correm...

A água das nuvens
a água de um céu que já esteve azul
cai no nosso ombro, cabeça, nos corpos já molhados
transborda nossas margens
e corremos...

Os passos são de retirada
a direção é terra seca

Nós,
que de águas que vão e águas que vem
continuamos a correr
e corremos

Somos feitos de desaguamentos
Clara Martins, Somos feitos de desaguamentos

Quanto mais mapeio esse corpo e as próprias personagens criam forma, mais percebo que elas ficam à vontade ao se mostrar. A lágrima que escorria agora é gozo de ser. Brinco com esse jogo de vazios e preenchimentos ao ponto que a própria fronteira do corpo se impõe. Na própria madeira crua do suporte conseguimos ver a água que cerca a personagem. O corpo que era circunscrito pela água agora impõe seu limite.

Na pintura Abraço (na página seguinte) entendo esse auto acolhimento, o auto abraço. A toalha como abraço solitário. Enxugar o corpo é um gesto constituinte do hábito na conclusão do banho, um ato repetitivo e muitas vezes automatizado, no entanto essencial. O conforto do corpo ainda úmido e envolvido remete a condição uterina na memória formadora da mente, antevéspera do nascimento.

Página anterior: Melhor Assim

Óleo sobre madeira

entelada

80 x 120 cm

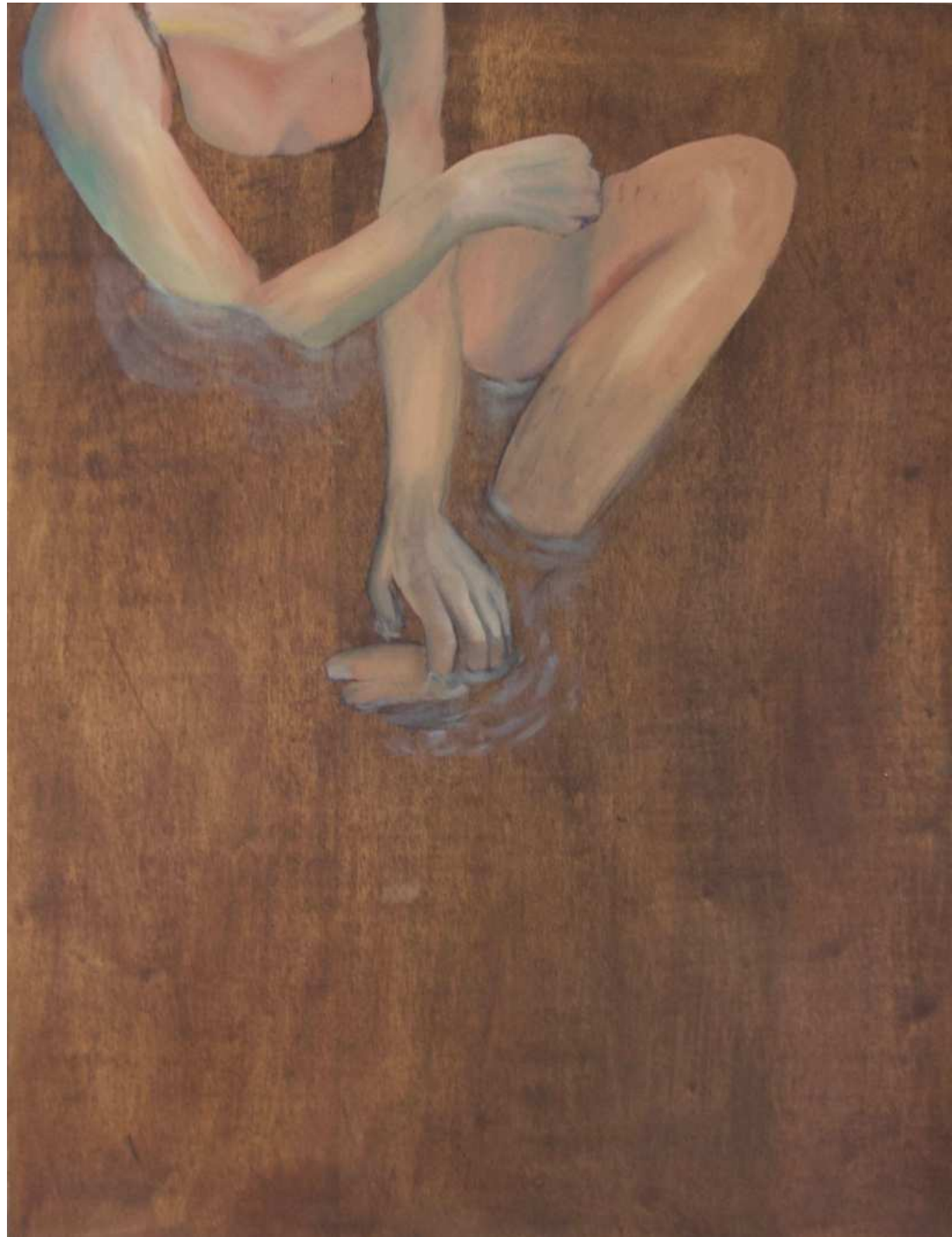
2018

Sem título 3

Óleo sobre madeira

80 x 120 cm

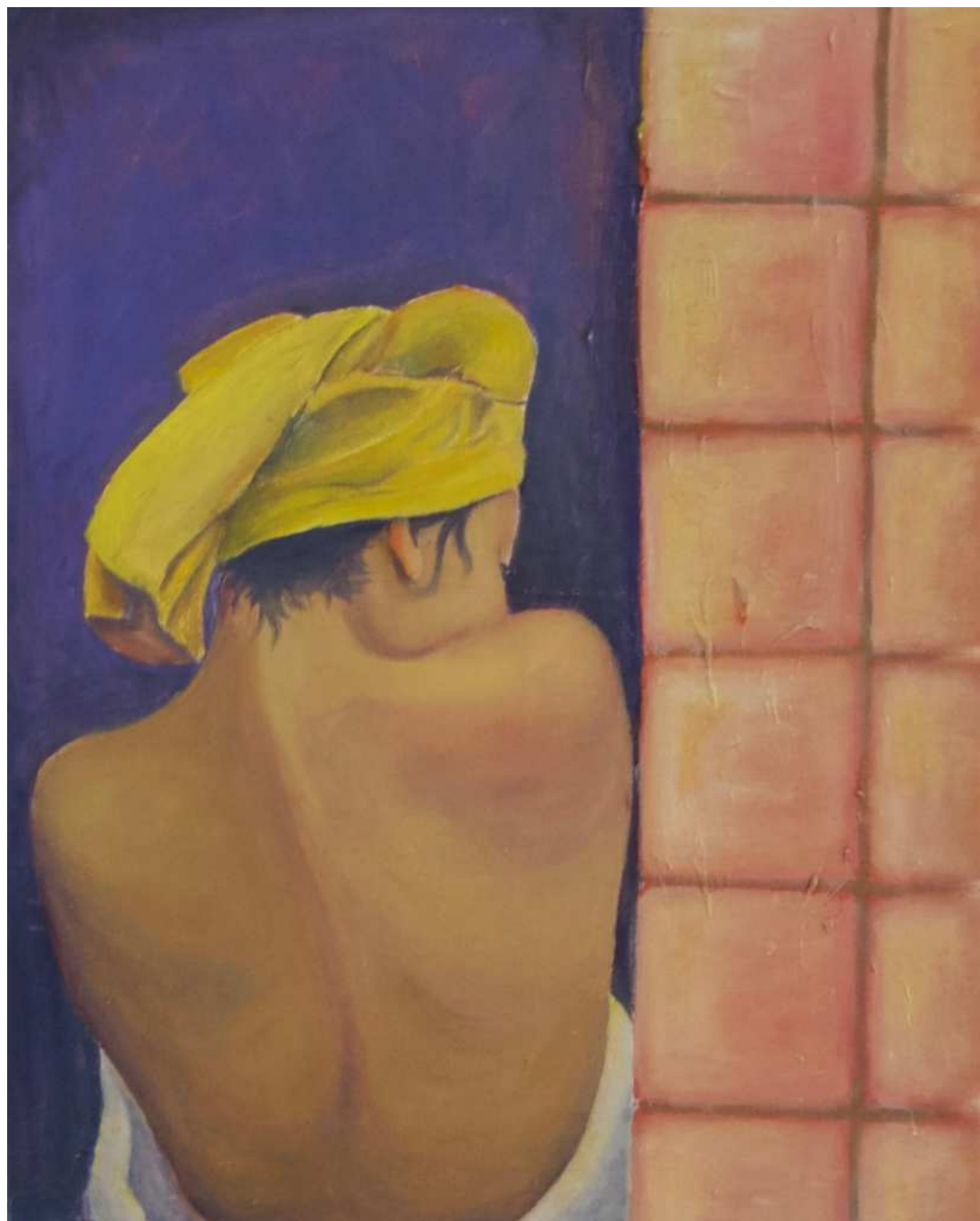
2018



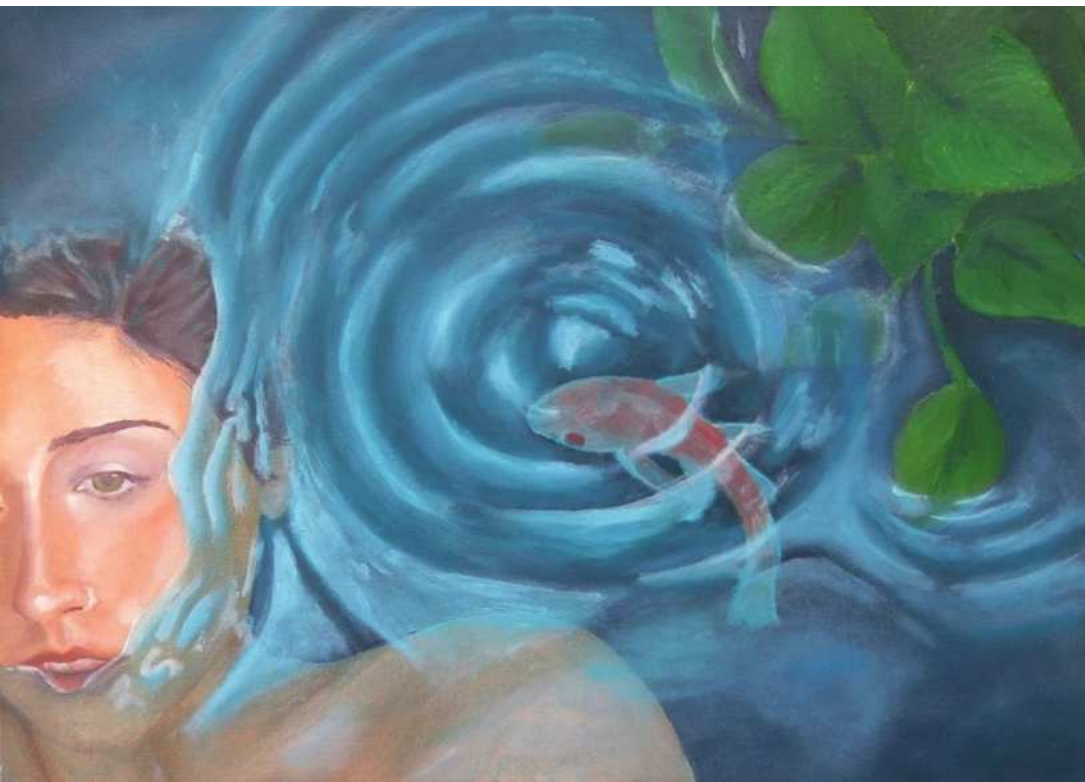
Sugere a força acolhedora da maternidade no corpo da mulher, mãe de si própria enquanto manifestação da mãe universal. Com esse estágio primordial em que reside o sentimento de retorno à origem, encontro também a ressonância no arranjo cromático levando para um lugar mais quente, mais acolhedor. A mesma ideia de nascimento e renascimento está implícita igualmente em forma e conteúdo. Mais uma vez retrato a feminilidade como provedora de renovação em um contexto de necessidade emotiva. A solidão é uma oportunidade de auto encontro e a descoberta do feminino passa também pela aceitação do próprio corpo na sua vulnerabilidade.

Quanto à opção cromática, distanciei-me da paleta de costume para experimentar algo mais quente. A inclusão do vermelho altera o equilíbrio frio das minhas pinturas, me aproximando de um balanço mais aconchegante. Ainda assim, procurei ambivalência desse tom sobrepondo camadas mais claras para preservar alguma frieza nos azulejos. O fundo violeta amplifica essa sensação e serve como anteparo que enfatiza o amarelo da toalha; cores complementares que entram em choque e dão destaque à figura.

Abraço
Óleo sobre tela
49 x 63 cm
2019



2. SEGUNDO MOVIMENTO - ÁGUAS QUE VÃO E ÁGUAS QUE VEM



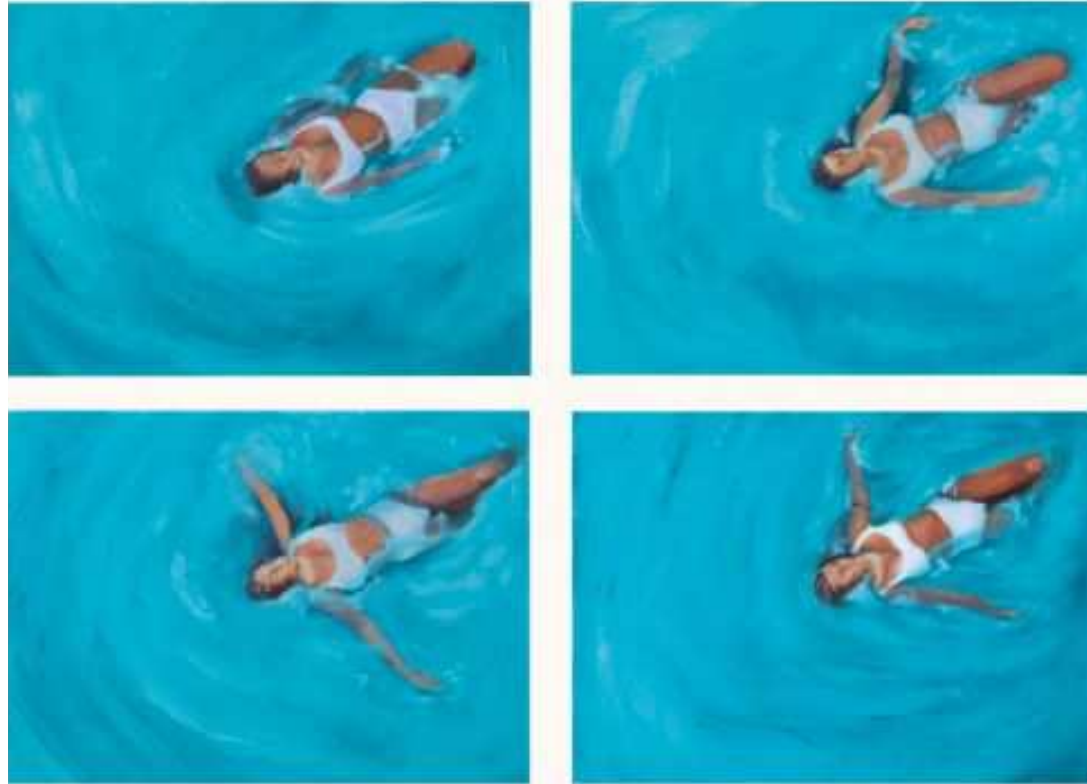
Rara
Óleo sobre tela
40 x 30 cm
2021

Inevitavelmente esse corpo ilha sente a necessidade de se mover. As margens da tela não mais o comportam e ele precisa transbordar os limites que o cercam. Sendo assim, pinto repetições que viram fotogramas animados em que as personagens se deixam levar pela correnteza da água. Assim elas fluem e seguem o curso das águas, transbordando o suporte da tela e também o limite das banheiras que as continham. Viram fontes de água sem fim.

Diz Le Breton acerca da fotografia e do cinema:

A tela (observou Bazin) não é um enquadramento, mas um esconderijo; o personagem que sai dela continua a viver: um "campo cego" duplica incessantemente a visão parcial. Ora diante dos milhares de fotos, inclusive daquelas que possuem um bom studium, não sinto qualquer campo cego: tudo que se passa no interior do enquadramento morre de maneira absoluta, uma vez ultrapassado esse enquadramento. Quando se define a Foto com uma imagem imovel, isso não quer dizer apenas que os personagens que ela representa não se mexem; isso quer dizer que eles não saem: estão anestesiados e fincados, como borboletas. (LE BRETON, p 86).

Pinto cenas, instantes congelados que colocados em sequência se completam. Quero com isso transmitir a continuidade do instante, a relação de um instante com o anterior e com sua sequência. A imagem se move por meio desses quadros estáticos. O singular e o múltiplo coexistem. Ao expor vários fragmentos do mesmo movimento, vemos as partes interagindo para compor um todo, uma sequência linear onde cada quadro é uma imagem completa e independente.



Rio Abaixo
Óleo sobre papel kraft
29 x 21 cm cada
2021

De acordo com a fotógrafa e pesquisadora Cláudia Sanz, a fotografia permitiu ao homem a nitidez do instante. Um exemplo disso são as sequências fotográficas do fotógrafo Eadweard Muybridge, que conseguiu fracionar o tempo de um movimento nos possibilitando visualizar imagens nunca vistas.

A fotografia deu visibilidade à unidade instantânea - como o olho jamais poderia - e o instante, por sua vez, outorgou a fotografia legitimidade e relevância, seja como imagem da ciência, da arte ou da memória. (SANZ, p.53).

David Hockney, em entrevista para o diretor Don Featherstone, disse acreditar que a fotografia tradicional não possui vida da mesma forma que a pintura. É uma fração de segundo congelado e quando você olha para uma fotografia você gasta mais tempo observando do que o tempo que a câmera levou para tirar a foto.

Em suas Joiners, colagens fotográficas realizadas a partir dos anos 80, ele usa a câmera como ferramenta de desenho. O artista cria uma composição com várias fotografias diferentes e consegue com isso criar uma narrativa, uma imagem com espaço e tempo, diferente da fotografia tradicional. Nessas composições quase

cubistas ele consegue, às vezes tirando fotos do mesmo ponto de vista e às vezes de ângulos completamente diferentes, captar a passagem de tempo através de deslocamentos no espaço, expressões faciais, movimentos dos personagens e até no movimento da água.

Mesmo um filme não possui o tempo que David Hockney propõe em suas Joiners. Nos filmes o tempo nos é imposto. Assistimos a uma sequência de imagens que, quando acaba, o tempo passou. Não conseguimos nem tirar os olhos da ação que se realiza e dar atenção a outros elementos da composição. Hockney nos apresenta uma obra que possui tempo, espaço e movimento diferente de uma fotografia e nos convida a passear pela composição e narrativa despreendida de um tempo como nos filmes.

Desse modo, em meus trabalhos Rio Abaixo e De Cabeça, combino diferentes técnicas procurando transparecer o espaço temporal em que a ação transcorre. As personagens se encontram, mergulham e somem nas águas em movimento contínuo. Exibo o conjunto de pinturas, exposto em uma sequência narrativa, chamando atenção para instantes congelados e para o tempo da pintura em si.



Link para animações:

Rio Abaixo - <https://youtu.be/zNy5WpfVV5Q>

De Cabeça - <https://youtu.be/o15YXKPbLSg>

De cabeça
Óleo sobre tela
30 x 24 cm cada
2021



Aquarela Sem título 1
Aquarela sobre papel
21 x 29 cm
2021

A partir de então descobri um novo caminho: o foco, antes voltado à figura humana e suas emoções através da água, agora tem como guia principal o próprio elemento água. As banheiras tornam-se mergulhos sem limites e sem bordas, deixando-me completamente submersa e entregue às sensações e emoções que a água desperta.

Nesse momento cresceu meu interesse em solucionar questões como a materialidade desse elemento sem forma e sem cor. Através desse norte exploro alguns conceitos subjetivos como profundidade, transbordamento, fluidez, estaticidade, mergulhos, reflexos e transparências.



Aquarela sem título 2
Aquarela sobre papel
21 x 29 cm
2021

Com essa nova curiosidade poética, a fim de procurar novas materialidades plásticas para minhas representações, comecei a investigar a técnica da aquarela. Nela os pigmentos são dissolvidos em água e é ela quem comanda a narrativa. Escorre, espalha e entranha pelas tramas do papel quase que por vontade própria. Trabalhar com sobreposições de camadas translúcidas me pareceu justo para um trabalho que tem como tema o elemento água. Deveria, então, entender como ele se comporta sobre o papel, seus movimentos e seus caminhos.

Me instiga a multiplicidade de emoções que a água desperta, seus pólos e contrastes. Ela pode ser amorosa e sedutora nos mostrando o mundo em seus reflexos, pode ser materna nos nutrindo, hidratando, pode nos purificar e refrescar ao nos banharmos, mas existe um imaginário melancólico a respeito da poética da água que vem sendo nutrido através dos tempos pela mitologia e literatura.

Bachelard nos lembra que, para Heráclito, “morrer é tornar-se água”. "Muito antes que os vivos se confiassem eles próprios às águas, não terão colocado o ataúde no mar?". Bachelard alude também aos textos de Edgar Allan Poe, às imagens de Ofélias, à última barca como elementos importantes para esse imaginário (BACHELARD, p.59; 75).

Segundo o poeta Lamartine “a água é o elemento triste porque chora como todo mundo.” (Lamartine *in* BACHELARD, p. 94)



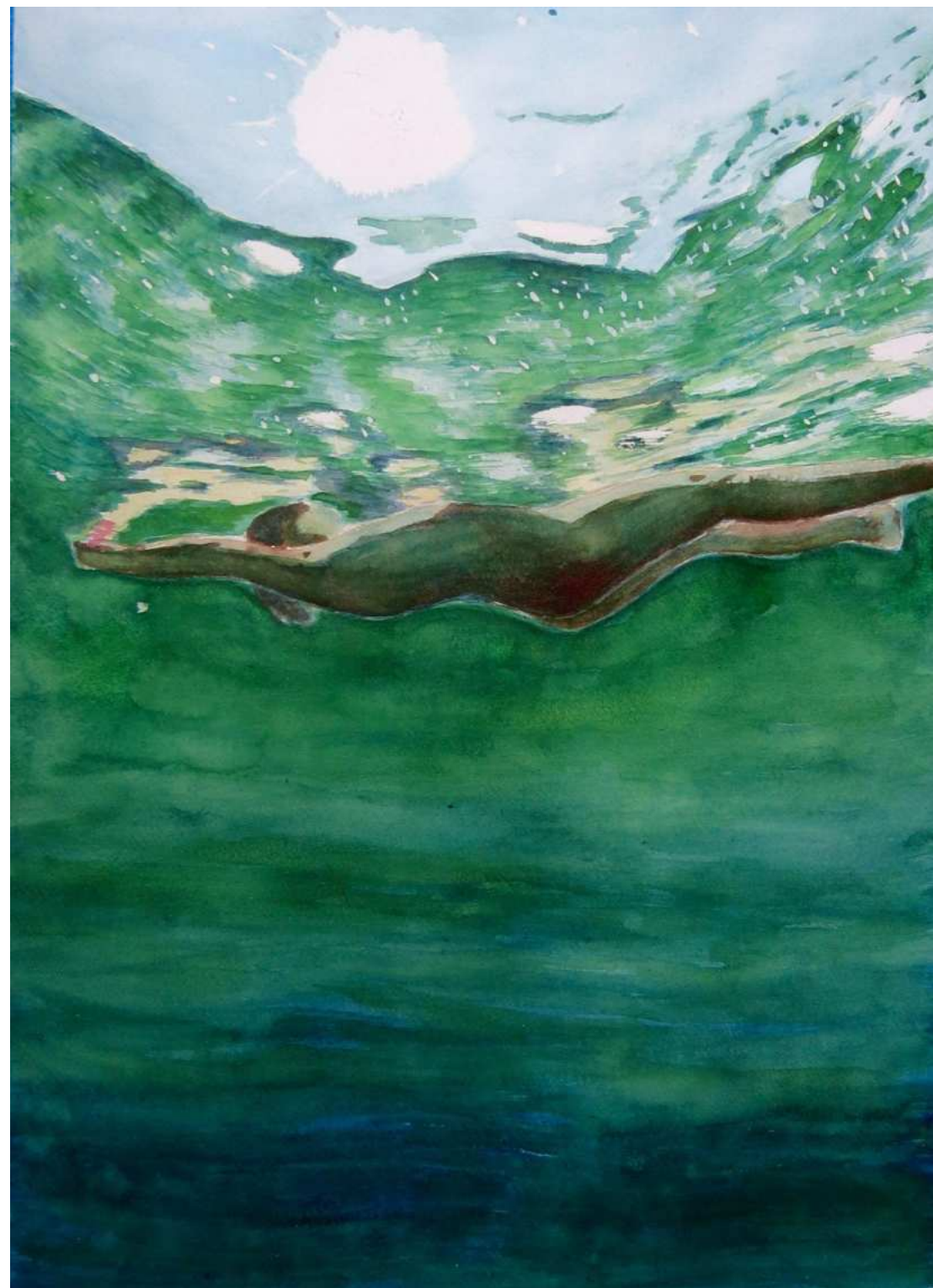
Aquarela sem título 3
Aquarela sobre papel
21 x 29 cm
2021

Apesar das transformações na minha poética, desde as primeiras pinturas expostas aqui a identidade e a representação do corpo persistem como focos da pesquisa.

Não importa a quantidade, nem o fluxo ser uniforme, um rio sempre será um rio, assim como o corpo que o desce desbravando o mundo fora das banheiras.

Heráclito ilustra sua doutrina do balanço e da constância na mudança. No caso dos rios, ainda que as águas fluam ininterruptamente, os próprios rios permanecem os mesmos, assim como a quantidade de água no universo também permanece a mesma. (ANA FLAKSMAN, 2009, p 165).

Aquarela sem título 4
Aquarela sobre papel
30 x 41 cm
2021





Aquarela sem título 5
Aquarela sobre papel
30 x 41 cm
2021

3. TERCEIRO MOVIMENTO - COMO ELA ME VÊ



Sequência fotográfica Carne Dura
2021







Ainda na experimentação de suporte e técnicas, o auto retrato fotográfico me aparece como um caminho, um refúgio a ser explorado em meio à pandemia, no ano de 2021, quando não podíamos sair de casa e nem ter contato com outras pessoas. Com isso me vi instigada a pensar possibilidades de manipular o meu próprio corpo com os poucos recursos que possuo em casa.

A partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a "posar", fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou mortifica, a seu bel-prazer. (BARTHES, p 22).

A fotografia me transforma de sujeito a objeto. Ao contrário da pintura, onde posso criar e manipular a imagem que às vezes nem existe, que eu nunca vi, na foto a câmera captura um momento, aquilo que está ali, a realidade presente que logo vira passado quando aperto o botão da máquina.

Para Brathes:

A foto retrato é um campo cerrado de forças. Quatro imaginários aí se cruzam, aí se afrontam, aí se deformam. Diante da objetiva sou ao mesmo tempo: aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgasse, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele serve para exibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, as vezes de impostura (como certos pesadelos podem proporcionar). Imaginariamente, a Fotografia (aquela de que tenho a intenção), representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma micro experiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro. (BARTHES, p 27).



Aqui, onde sou autora e objeto, insiro a água como o outro que me vê, que me filtra. Sou ao mesmo tempo o observador, o observado e o corpo distorcido pela água. Brinco com a água como se fosse um filtro que me manipula e não o contrário.

Utilizo copos, espelhos e meu corpo se funde com o mundo. Vejo a imagem do meu corpo de forma plástica, moldável, líquida, como é por natureza, porque mudamos no decorrer dos anos.

Narciso vai a fonte secreta, no fundo dos bosques. Só ali ele sente que é naturalmente duplo; estende os braços, mergulha as mãos na direção de sua própria imagem, fala a sua própria voz [...] diante das águas, narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, a revelação de seus duplos poderes viris e femininos, a revelação, sobretudo de sua realidade e de sua idealidade. (BACHELARD, p 25).



Página anterior: Sequencia
fotografica água mole
2021



Neste lugar não falo de narcisismo egoísta e sim um narcisismo cósmico, como fala Bachelard, que se reconhece mas também vê a beleza do mundo refletido nas águas da fonte, que contempla as águas e o que está sendo visto ali. A água serve de espelho para as profundezas do eu. Me misturo com a água, com o mundo. O corpo deixa de ser suporte ou a prova de uma individualidade. O corpo não é mais fronteira. E ao mesmo tempo, a fotografia mostra minha presença imediata no mundo.

O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa. BRATHES, 1990, p 13).







4. QUANDO EU VIRO ÁGUA

Nas pinturas começo a explorar plasticamente momentos de uma pintura mais tranquila e outros momentos mais ritmados, acredito que o tempo da pintura conversa com o tema que abordo. Apesar de trabalhar com a tinta óleo, que acredito ter mais esse poder do tempo onde uma pintura pode levar meses para ser concluída, também exploro pinturas com aquarela e o próprio tempo da matéria em questão.

Nesse ponto, o corpo submerso, afundando, ganha o mesmo peso que as questões plásticas de representação da água. O corpo que se desfaz, se deixa levar, se transforma em pinceladas soltas. Como se chegasse no oceano sem limites. Texturas, empastamentos e transparências que representam a parte aquática têm o mesmo peso que a carne.

Sem Título 6
Óleo sobre tela
120 x 80 cm
(Em processo)

Página anterior:
Sem Título 5
Óleo sobre tela
100 x 80 cm
(Em processo)



Sem Título 4
Óleo sobre tela
40 cm x 60 cm
2021



"Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se"
(GASTON BACHELARD, 2018, P 49).

Ao analisarmos a pesquisa desde o começo, o corpo, parcialmente imerso na água contida nos espaços estáticos das banheiras, se liberta quando aprende a fluir através de mergulhos, nados e flutuações, tornando-se um pouco água. Deixa de ser um corpo humano e vira corpo marinho.

Sem Título 7
Técnica mista sobre tela
100 x 120 cm
(Em processo)



Faz de mim sua casa
Aquarela sobre papel
30 cm x 42 cm
2021



Faz de mim sua casa
Aquarela sobre papel
30 cm x 42 cm
2021



Entre Coxas e Conchas
Aquarela sobre papel
30 cm x 42 cm
2021

Entre coxas e conchas
Ouço o barulho do mar.
Amor afoga e transborda
Naufraga meu barco
E entrega a boia
Me conta lendas,
Me tira a memória.
O amor é aquático
E tem que molhar.
Diz o ditado das ondas,
Água mole em carne dura
Bate até a sereia cantar.

Clara Mello, Canto da Sereia

Conchetas é uma série de três pinturas de técnica mista de aquarela e guache sobre papel. Cada pintura recebe um enunciado "Faz de mim sua casa", "Vem ouvir o barulho do mar" e "Entre coxas e conchas".

Divirto-me aqui com as semelhanças visuais e poéticas da natureza. Elementos corpóreos, quase-órgãos, como vaginas. Conchas são pequenas casas, templos, que abrigam uma vida, assim como um útero pode também abrigar. Elas nos remetem a grutas ou cavernas que curiosamente também possuem um arquétipo materno nos ritos de origem. Aqui podemos refletir sobre o imaginário das conchas como símbolo de fecundidade, como por exemplo, o Nascimento da Vênus, representado por Botticelli e Ticiano.

A imagem da fecundidade, também é ligada ao prazer sexual.

A concha, evocando as águas onde se forma, participa do simbolismo da fecundidade própria da água. Sua forma e sua profundidade lembram o órgão sexual feminino. Seu conteúdo ocasional, a pérola, suscitou, possivelmente, a lenda do nascimento de Afrodite, saída de uma concha. O que confirmaria o duplo aspecto, erotico e fecundante, do símbolo. Não esquecemos que, na Espanha, o prenome feminino muito comum de concepcion é, muitas vezes, substituído pelo seu diminutivo, concha, ou, mais familiarmente ainda, conchita. (CHEVALIER e GHEERBRANT, p 269).

// Corre um rio de minha boca, corre um rio de
minhas mãos.

Dos meus olhos corre um rio.

Na verdade sofro de excessos. Que me dão
vocabulário.

Como derramar. Escorrer. Atravessar.

Tenho a impressão de que tudo vaza. Em
sobras.

Tenho dificuldade de caber.

Pra caber mais derramo. Por nada derramo
sem motivo.

Vou acalmar meu excesso, pensei.

Ministrando doses diárias de barcos âncora
dos ao sol.

Rodeados por pequenos peixes em busca
de resto de peixe.

Águas se lançando sobre
as pedras.

É um vento que
parece vivo.

Como se tivesse a
intenção de às vezes fazer
agrados

Em minha pele.

Meu rosto tem muita
simpatia por ventos.

Reconhece certos
humores próprios a vento.

Gosto de coisas que se movem.

Por isso aprecio rios e não sou tanto assim



apegada a mares
e árvores.

Se bem que
tenho enorme
ternura por bois

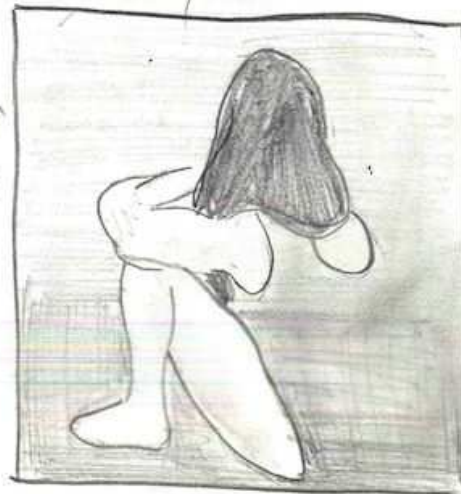
Fincados no pasto
como palavras
no papel.

Palavras são
estacas fincadas
no chão.

Pedras onde
piso nesta

Imensa
correntezca
que atravesso"

Viviane Mose

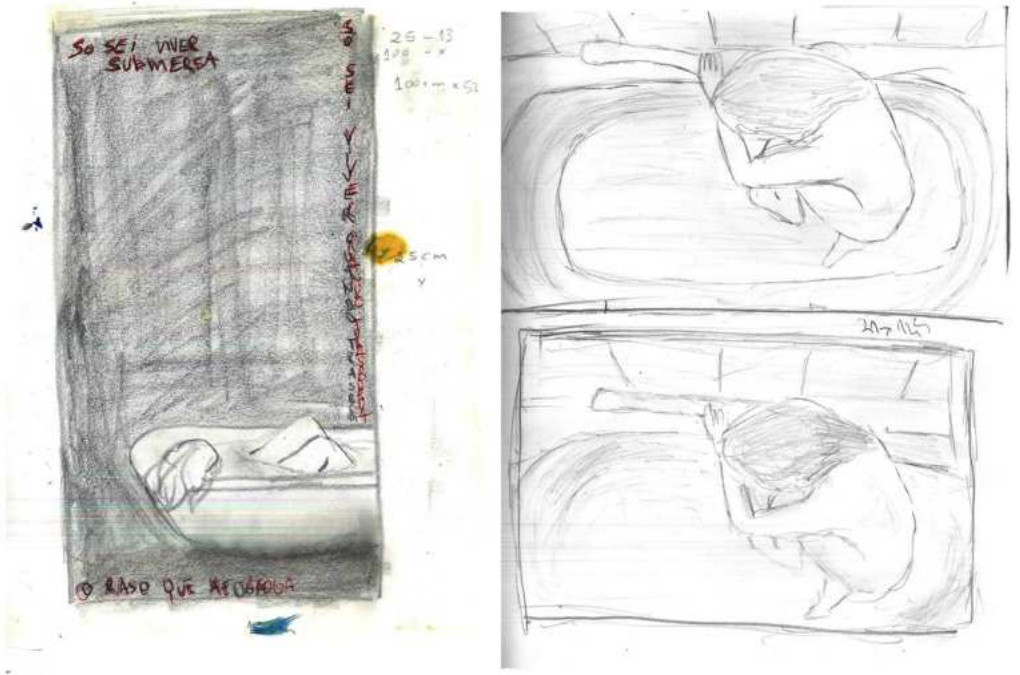
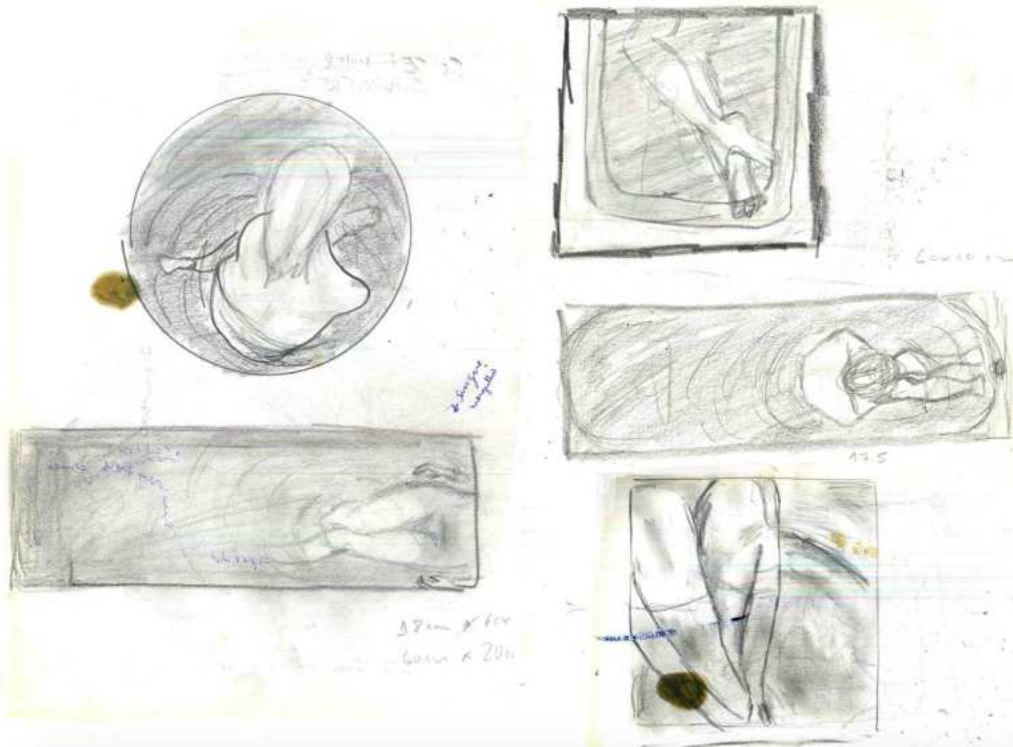


Coleciono tudo que me toca: fotografias, vídeos, músicas, poemas, memórias, sonhos. Anoto tudo em meu caderno de pesquisa, armazeno imagens em pastas no pinterest, no computador e celular para que possa revisitar futuramente, para que nada se perca.

As ideias surgem dessas coleções que faço. Quando algo me instiga faço inúmeros desenhos de composição e de claro escuro com intuito de chegar à imagem que mais me agrada, para transmitir o que tenho em mente. A partir daí faço fotografias e crio montagens para usar como referência para as pinturas.

Às vezes o contrário também acontece: faço fotos e vídeos que depois viram estudos em meu caderno. Sempre que uso imagens de referência, o estudo tonal e cromático vem depois, objetivando que o trabalho final não seja uma cópia da fotografia, mas uma pintura que fale mais como construção pictórica.



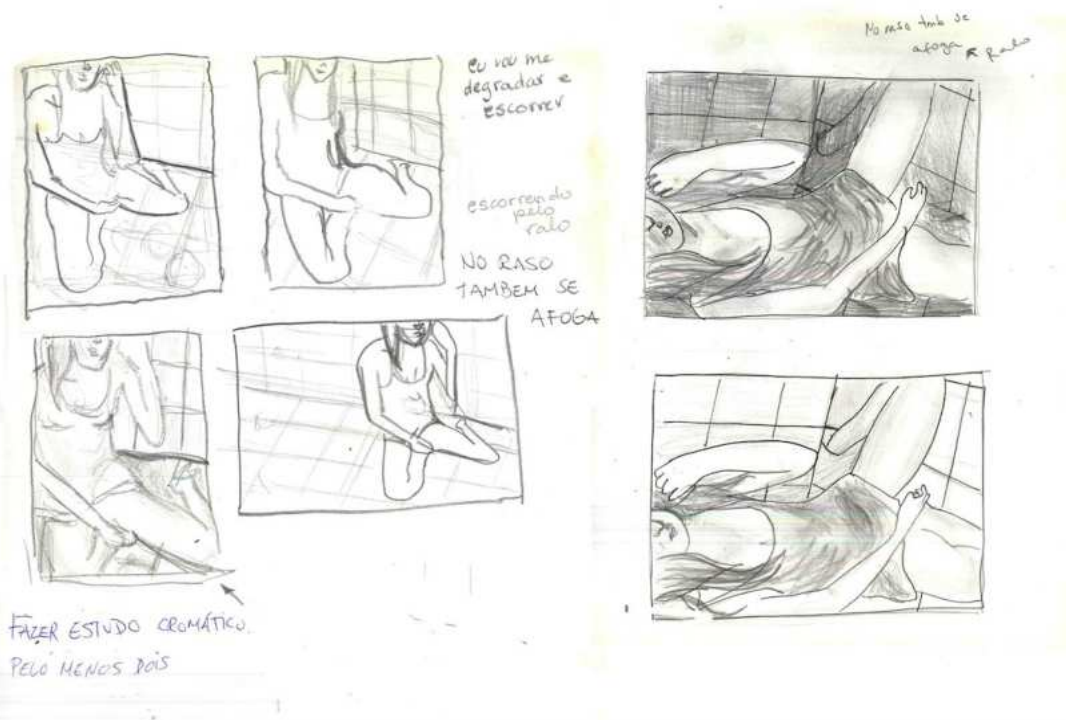


6. CONCLUSÃO

Vejo minha poética como um norte que me guia para a pesquisa, como um conjunto de elementos com os quais me identifico e escolho trabalhar. Ela é um eixo condutor para o processo criativo, para desenvolver uma linguagem própria e ter, também, consciência crítica ao analisar o próprio processo de criação que acontece da escolha da referência até a última pincelada, podendo me fazer refletir sobre chegada e também sobre o caminho.

Acredito que o caderno de pesquisa seja uma ferramenta riquíssima de análise, para no decorrer do tempo, com uma visão mais crítica e atenta sobre a pesquisa, como aqui fiz, consegui observar a evolução, o amadurecimento das escolhas conscientes ou inconscientes. E assim ver surgir a construção de um pensamento e uma unidade que caracteriza a própria linguagem que retroalimenta a investigação.

O desenvolvimento da minha poética também é algo fluido e em eterno desenvolvimento, sujeito a encontrar novos caminhos de acordo com a minha intuição e meus desejos. Aqui pudemos conferir algumas pinturas, parte dessa trajetória e da busca de meu próprio campo semântico e plástico.



7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANCHIETTA, Isabelle. **A Sociedade de Rostos, Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, v 28, no. 3, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984.

BRETON, Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Editora Vozes Ltda: Rio de Janeiro, 2003.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Editora José Olympio: Rio de Janeiro; 2015.

FLAKSMAN, Ana. **Aspectos da recepção de Heraclito por Platão**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

HOCKNEY, David. **Joiners Photographs**. Filme entrevista dirigido por Don Featherstone, 1983.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular**. Editora Wmf Martins Fonte: São Paulo, 1996.

KEHL, Maria Rita. **Eu é o corpo**. In: Seminário - Corpo Representado, 2005. Catálogo da Exposição O Corpo. São Paulo: Itaú Cultural, 2005 .

SANZ, Cláudia. **Quando o Tempo Fugiu do Instantâneo**. Studium UNICAMP, v 32, 2011.

8. APÊNDICE: REGISTROS DA EXPOSIÇÃO ÁGUA MOLE EM CARNE DURA

Como pré-requisito para conclusão do curso de pintura, e devido ao contexto de pandemia, inaugurei no dia 13 de abril de 2022 uma exposição individual virtual na Galeria Macunaíma virtual e também no meu canal do youtube. A exposição pode ser assistida na página do facebook da galeria e através do youtube no link

<https://www.youtube.com/watch?v=MvZEE6E7D-Y&t=480s>

ou se pesquisada com o seguinte título: Água mole carne dura - Mariana Trigo.

Nesse vídeo-exposição convido o público para mergulhar em meu universo através das pinturas, vídeos e poemas.

ÁGUA MOLE CARNE DURA



MARIANA TRIGO
EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL 2022



ÁGUA MOLE CARNE DURA

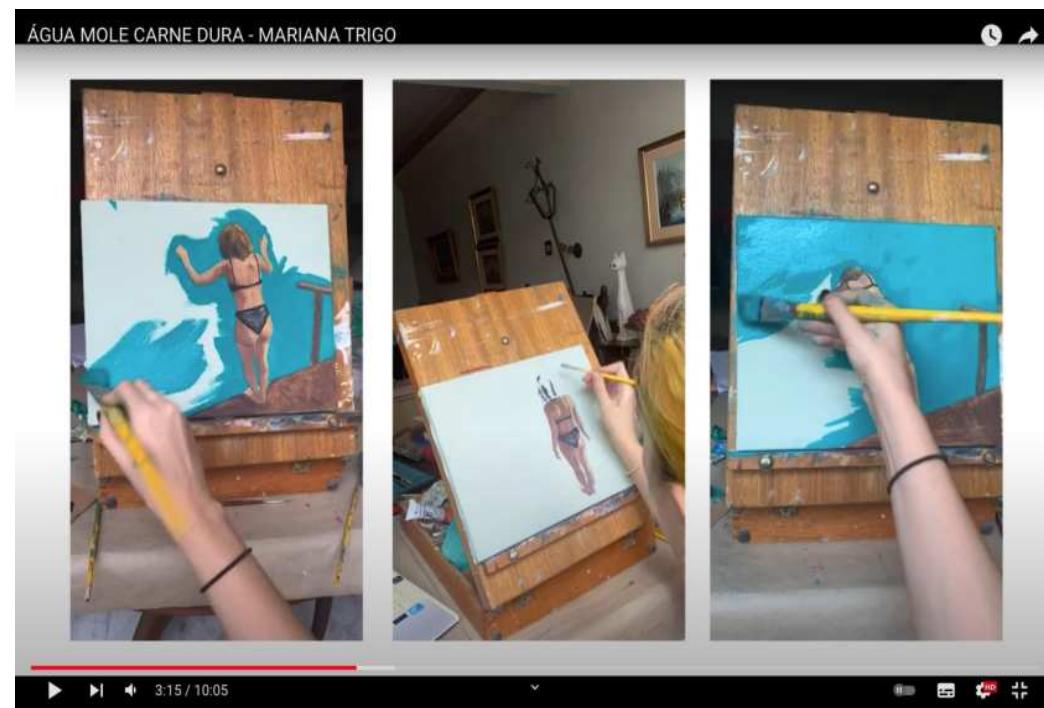
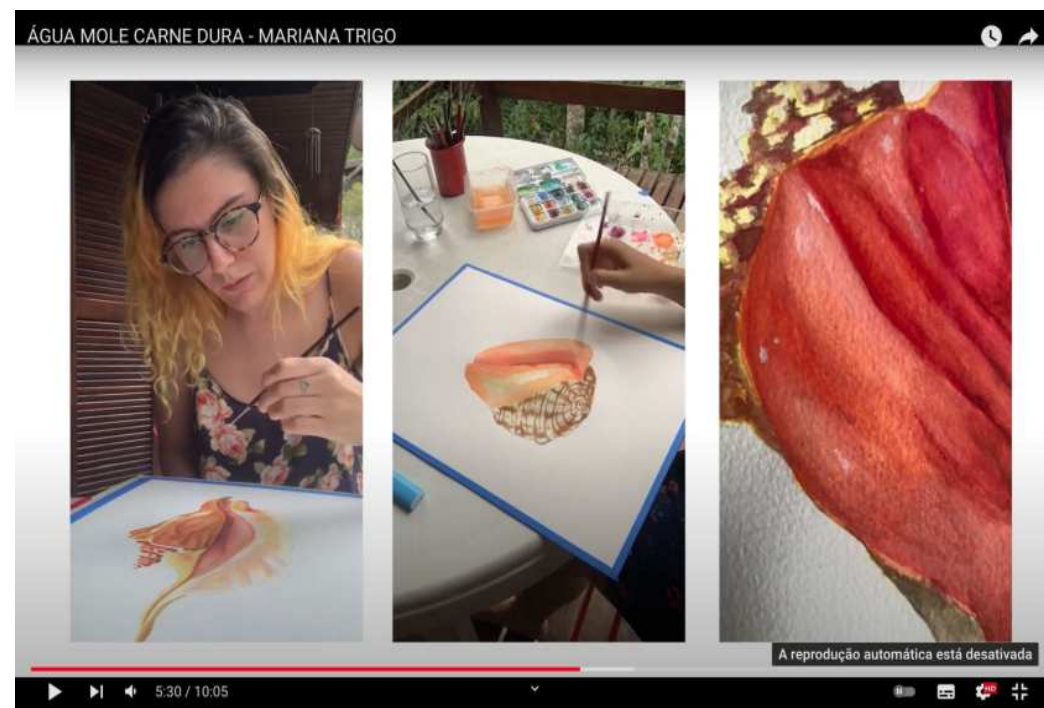
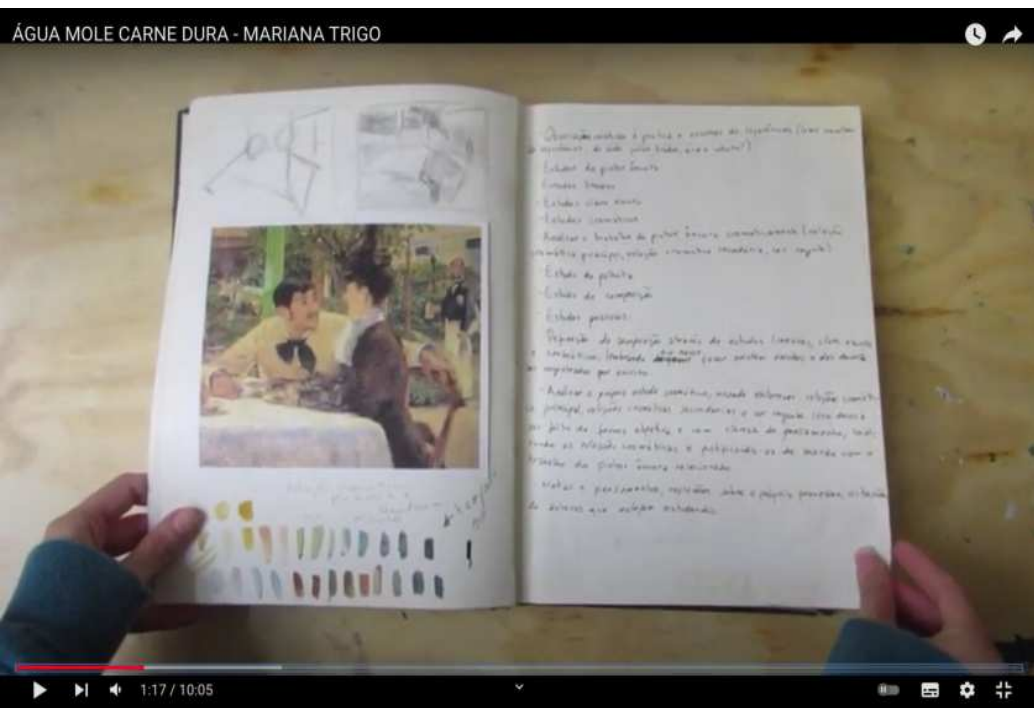
Mari Trigo é mulher concha, daquelas que colocamos no ouvido e escutam as muitas voltas sonoras. Das que reverberam um inconsciente longínquo no qual a artista precisa mergulhar. Em baixo d'água somos surdos ao mundo, ouvimos melhor nosso próprio coração. Lá nós, mulheres, nos perdemos, conchas-labirinto que somos, na tentativa de fazer uma visita a nós mesmas.

É o elemento aquático aquilo que origina poesia no trabalho dessa artista. Ele preenche todo o ser, afoga olhos e impulsiona a vida e o ato criativo que permeia as linguagens da pintura, fotografia e vídeo. Autorretratos em banheiras, no ambiente privado e íntimo, abrem as portas para o entendimento dessa produção. As banheiras intimistas tornam-se piscinas para mergulhos e, finalmente, transformam-se no mar em toda sua imensidão. Sequências de imagens pintadas dão conta do movimento para o mergulho e lembram o famoso Splash de David Hockney combinado às sequências de Muybridge.

Mari Trigo trabalha mergulhos azuis, a frieza d'água, a luz re-fracada em corpos femininos. Nessa exposição em forma de vídeo podemos observar seu processo criativo, diários de pesquisa, ensaios fotográficos, montagens, estudos e pinturas sendo executados. No conjunto de trabalhos aqui expostos vem à tona a tentativa de abraçar as próprias dores e beleza existentes em ser uma artista, no ser mulher.

Profa. Dra. Martha Werneck, Dep BAB/EBA-UFRJ



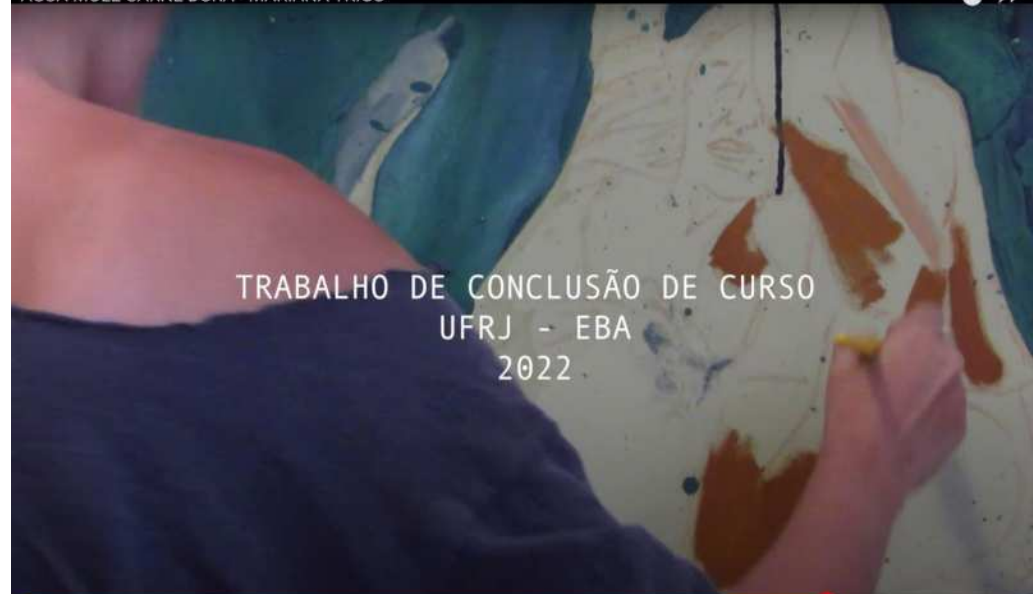


ÁGUA MOLE CARNE DURA - MARIANA TRIGO



6:57 / 10:05

ÁGUA MOLE CARNE DURA - MARIANA TRIGO



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UFRJ - EBA
2022

8:09 / 10:05

ÁGUA MOLE CARNE DURA - MARIANA TRIGO



7:40 / 10:05

ÁGUA MOLE CARNE DURA - MARIANA TRIGO



8:22 / 10:05

Sair da tela inteira (f)

